

A MELHOR DEMOCRACIA QUE O DINHEIRO PODE COMPRAR
THE BEST DEMOCRACY MONEY CAN BUY

Greg PALAST (autor)
José Augusto Carvalho LEME¹

Greg Palast, também autor de *Democracia e Regulamentações*, editado pela ONU e que contém palestra proferida na USP, especializou-se no estudo sobre o controle que o poder corporativo exerce de forma globalizada. Definindo-se como caustico, perfeccionista e patriota, este jornalista investigativo escreveu *A melhor democracia que o dinheiro pode comprar* discutindo questões de todos os continentes, apesar de dar maior ênfase à América Latina. Ele transita nas mais diferentes organizações, desde Conselhos Municipais, ONGs, ONU, Banco Mundial até Corporações por via às vezes indireta, às vezes direta, mas procurando preservar seus informantes. É interessante ver que documentos sigilosos do Banco Mundial e da CIA, por exemplo, chegam em suas mãos. Como testemunha do nascimento da Nova Ordem Mundial, quando bolsista da Universidade de Chicago, presenciou a elaboração e implantação da primeira experiência da política neoliberal que foi testada no Chile durante o governo de Pinochet.

Palast, proprietário de um escritório no quinquagésimo andar do WTC e temeroso do trabalho de subsistência por herança, relata, às vezes ironicamente, as relações entre as Corporações, os governos e as mídias em função dos interesses de acúmulo do capital nas mais diversas áreas de produção capitalista: ouro; armas; alimentos; jogos; meio ambiente; educação; e principalmente nas áreas de infraestrutura básica para a produção (água, eletricidade, petróleo). Repleto de documentos, este filho de imigrante ilegal, mostra-se, apesar de não explicitamente, muito mais democrata que republicano, por isso tanto material sobre os Bushs.

Com a afirmação de que “o dinheiro corporativo derrota a democracia o tempo todo” ele nos leva, apesar de às vezes derramar algumas gotas de esperança, a acreditar que se o mundo contemporâneo é bastante organizado não é democrático, ou social democrático como

¹ - Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Campus de Marília.

ele se mostra. A onda atual liderada pelo *novo trabalhismo* de Blair, filho da nova ordem mundial é a *terceira via*, na qual quem manda e comanda é o capital por meio de seus braços, quais sejam, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio e suas regras, dentre elas, a mais nova e desumana: o teste de necessidades. Este teste, artigo VI. 4 do GATS, poderá vir a ser a mão invisível querendo encarnar na forma de uma agência reguladora internacional que tem o poder de interferir nas decisões das nações diretamente, o juiz em última instância dos interesses do capital.

Tirando-se a questão doméstica americana de Palast, quando afirma que “quando ficamos fartos botamos para quebrar”, nos chamam a atenção alguns temas abordados: o do Brasil; a relação das Corporações com os líderes mundiais; a importância estratégica da energia mundial para as Corporações; o boicote ao aumento do preço da água na Bolívia; Stiglitz (ex-economista chefe do FMI) e sua proposta de reforma agrária; o Estado de Kerala e sua forte escola pública; a proposta do comércio de emissões de poluentes norte-americana e, por fim e de uma forma geral em todo o livro, o papel da ONU, FMI, BM, OMC.

Sobre o Brasil, particularmente no caso de Lula, afirma que ele é refém do Banco Mundial e FMI, pela nossa dependência a esses órgãos: “Lula está na prisão dos devedores”. Quanto a FHC, o portador da “tocha da Terceira Via” para a América Latina e sua reeleição, o texto nos dá a percepção de quanto não somos: não somos independentes; não somos alto-determinantes; não somos construtores. Palast afirma que o que marcou o ingresso de FHC no trem da terceira Via foi o apoio de Mandelson, uma espécie de Cão de Caça de Blair a Fernando Henrique Cardoso. Afirma, também, que FHC é incompetente e uma farsa. O repórter investigativo demonstra como Robert Rubin, secretário do Tesouro dos EUA, tornou-se dono do país do carnaval. De outro hemisfério, decidiu-se como e quando os salários seriam reajustados; o câmbio seria liberado; os juros seriam alterados. O Brasil, assim como o Chile na época de Pinochet, vem seguindo exemplarmente a cartilha do FMI. A questão é que o Chile só começou a se refazer com a política *socialista* de Frei.

Porém, para Palast, a história se repete, pelo menos no caso do Brasil onde o projeto elaborado pelo Banco Mundial é um *projeto feudal*.

Quanto às relações dos representantes do capital, ou seja, as corporações e os líderes do mundo, e entre esses e a mídia, não resta

dúvida de que o que nós achávamos que acontecia e não víamos, realmente acontece, e o que mais assusta é que o individual é, hoje, em todos os aspectos mais valorizado que o coletivo. As corporações não *compram* mais os políticos, pois colocam seus membros no comando. No Reino Unido é permitido ser político e empresário ao mesmo tempo e com a vantagem de sigilo telefônico.

O controle das fontes de energia é crucial para a Nova Ordem. Palast, no decorrer do livro, mostra vários exemplos da ação do BM e OMC neste sentido. Água, petróleo, gás, urânio são algumas das riquezas naturais que necessitam ter um controle centralizado pelo capital, pois é assim que se pode extrair o excedente de forma que as corporações acumulem sem correrem grandes riscos. Deve ser este o motivo pelo qual o Banco Mundial está mapeando as reservas aquíferas brasileiras através dos PMBH (Programa de Micro Bacias Hidrográficas).

Porém, há uma esperança. No sub-capítulo *A revolta dos represados* podemos ver um exemplo de que quando se trata das necessidades fundamentais da vida, pelo menos em Cochabamba, as pessoas se mobilizam. Em abril de 2000 foi anulada pelo presidente da Bolívia a privatização dos serviços de água. O motivo foi o boicote geral às altas de 35% no preço e o fato de que a empresa IWL, ganhadora do processo de privatização, havia depositado somente 10 milhões de dólares numa conta do Citibank de NY, e este montante não foi transferido para a Bolívia. A IWL pretendia comprar o serviço de água de Cochabamba com o dinheiro do próprio povo boliviano através do aumento da cobrança dos serviços.

A quarta passagem que acreditamos merecer destaque é a firme opinião de que a reforma agrária é o caminho para os países subdesenvolvidos, proposta defendida por Stiglitz. O livre comércio defendido pelo Banco Mundial, como sendo o quarto passo para a Nova Ordem, não é realizado na agricultura dos países desenvolvidos, pois o protecionismo é bastante forte. Assim como ocorreu no século XIX, os países hegemônicos procuram derrubar as barreiras dos continentes periféricos ao mesmo tempo em que protegem seus próprios mercados. Stiglitz nos dá o exemplo de Botsuana na África onde "eles expulsaram o FMI". Como principal economista do Banco Mundial, Stiglitz propõe aos países em desenvolvimento uma reforma agrária radical: "se você desafiar (os donos das terras), provocará uma profunda mudança no poder das elites". Porém, a instituição (BM) não trata desta questão. Palast aponta a fala do professor Artur Vasquez, da universidade de Georgetown, que afirma: "Para se conseguir um milagre econômico,

talvez seja necessário ter antes um governo socialista que faça a reforma agrária”.

Outro exemplo de sucesso independente da inferência do Banco Mundial foi o que ocorreu no Estado de Kerala, no sul da Índia, local considerado o mais instruído do mundo. Eles usam como moeda forte a assistência técnica que é exportada para os países do Golfo Pérsico. Lá, estão sendo implantados os teoremas de desenvolvimento humano do ganhador do prêmio Nobel de economia de 1998, Amartya Sen.

No sub-capítulo *Como o comércio sujo virou ecológico*, Palast nos mostra mais um exemplo do poder do capital através das corporações. Os EUA, a pedido de suas indústrias poluentes, não assinou o protocolo de Kioto no qual os países que assinam propõem-se a diminuir a emissão de gases poluentes de forma progressiva e, em vez disto, propôs uma compensação pela poluição que a ganância provoca. Dessa forma, as empresas que quiserem continuar a poluir poderão fazê-lo. Os EUA possuem uma bolsa de valores onde são negociados anualmente 15 milhões de toneladas de dióxido de carbono. Como a Rússia, que assinou o protocolo, reduziu suas emissões, as indústrias americanas compram o direito de poluir.

Para Palast, “a luta de classes realmente acabou”. Isto se deve ao fato de que o aprimoramento das formas de exploração capitalista levou a uma individualização social, com o “eu-em-primeiro-lugar”, na qual o coletivo perde o seu valor, apesar de que em alguns pontos do planeta ainda há resistências.

Palast diz que a grande contribuição do socialismo foi fazer a maioria da população planetária acreditar na função do Estado. Mas, as suas palavras de que “armas me dão medo” e “violência é um desperdício”, demonstram que ele acredita na mobilização através da soma dos indivíduos e por meio de denúncias, tanto que, no final do livro, relaciona o que denominou de *Suas fontes para entrar em ação*. São endereços de sites e organizações que ele acredita serem autônomos.

LEME, J. A. C. The best democracy money can buy. *Revista ORG & DEMO* (Marília), v.5, n.2, p. 275-278, 2004.